



Guerra na Europa

# Alemanha busca restaurar seu poder militar para conter ameaças da Rússia

— Setores do governo alemão defendem a rápida reconstrução de suas Forças Armadas e a modernização de seu arsenal para conter o expansionismo de Vladimir Putin

STEVEN ERLANGER  
DAVID E. SANGER

O ministro da Defesa da Alemanha, Boris Pistorius, passou a aconselhar a população a se preparar para um confronto com a Rússia, afirmando que o país deve reconstruir suas Forças Armadas diante da ameaça de Vladimir Putin não parar na fronteira ucraniana.

Os russos, diz Pistorius, estão ocupados na Ucrânia, mas, se houver uma trégua, ele acha que Putin testará a unidade da Otan. “Ninguém sabe como será ou se isso vai durar”, afirmou Pistorius sobre a guerra, argumentando em favor do aumento do tamanho das Forças Armadas e de seu arsenal.

Os alertas refletem uma mudança em um país que evita ter uma força militar robusta desde a Guerra Fria. O alarme está cada vez mais estridente, mas os alemães continuam céticos de que a segurança da Europa esteja ameaçada pela Rússia.

**Temor**  
**Muitos alemães alertam que, se a Rússia derrotar a Ucrânia, o alvo seguinte seria Berlim**

O cargo de ministro da Defesa é um beco sem saída na Alemanha, mas a popularidade de Pistorius lhe dá a liberdade para falar o que desagrada aos outros — incluindo seu chefe, o chanceler Olaf Scholz.

Muitos no governo alemão consideram que não haverá volta à normalidade com a Rússia de Putin, antecipando pouco progresso na Ucrânia e temendo uma vitória russa. O medo se mistura com as discussões sobre o que acontecerá à Otan se Donald Trump for eleito e retirar os EUA da aliança.

A possibilidade de vitória de Trump faz muitas autoridades da Otan discutirem se a estrutura da aliança é capaz de sobreviver sem os EUA. Muitos alemães acreditam que a aposta de Putin é a fratura da Otan.

Para a Alemanha é uma reversão de pensamento. Apenas um ano atrás, a Otan celebrava um novo propósito e muitos previam que Putin teria pressa. Mas agora, com a

Rússia mais agressiva, além de uma guerra estagnada na Ucrânia e um conflito impopular em Gaza, autoridades alemãs começaram a falar sobre o surgimento de um mundo novo, com consequências para a segurança transatlântica.

A preocupação imediata é se os EUA continuarão a financiar a Ucrânia justamente no momento em que a Alemanha concordou em dobrar sua contribuição à Otan. Alguns colegas de Pistorius alertam que, se o financiamento americano secar e a Rússia vencer, o alvo seguinte seria Berlim.

“A rendição da Ucrânia não satisfaria a fome de poder da Rússia”, disse o chefe do serviço de inteligência da Alemanha, Bruno Kahl. “Se o Ocidente não demonstrar disposição, Putin deixará de ver motivo para não atacar a Otan.”

**CAUTELA.** No entanto, quando pressionados para se posicionar sobre um conflito com a Rússia, os políticos alemães são cautelosos. Após o fim da União Soviética, a maioria se acostumou às noções de que a segurança do país estaria garantida se ele trabalhasse com a Rússia, não contra, e de que a China é uma parceira necessária, com um mercado crítico para os automóveis e equipamentos alemães.

Mesmo hoje, Scholz parece relutante em discutir um futuro conflituoso com a Rússia. Exceto Pistorius, que era pouco conhecido até ser nomeado, um ano atrás, poucos políticos abordavam o assunto. Scholz é cuidadoso, zelando pela relação da Alemanha com os EUA e atento para não pressionar demais a Rússia.

Dois anos atrás, o chanceler declarou o início de uma nova era para a Alemanha, marcada por uma mudança nos gastos e no pensamento estratégico. Ele cumpriu uma promessa de alocar € 100 bilhões a mais em gastos militares nos próximos quatro anos — em 2024, pela primeira vez, a Alemanha gastará 2% de seu PIB em suas Forças Armadas, o que ajudará a cumprir a promessa de reforçar o flanco oriental da Otan contra a Rússia, enviando uma brigada à Lituânia até 2027.



Olaf Scholz na Casa Branca: desconfiança com relação à agressiva política externa de Putin

Ainda que de outras maneiras, Scholz se movimentou com cautela. Ele se opôs a um cronograma de entrada da Ucrânia na aliança. O exemplo mais vívido do cuidado é a contínua recusa em liberar para os ucranianos um míssil de longo alcance chamado Taurus.

**ALCANCE.** Reino Unido e França deram à Ucrânia uma versão dele: o Storm Shadow/Scalp, usado para devastar navios russos na Crimeia. Os EUA também concordaram em fornecer um míssil similar, mas com alcance limitado a 160 quilômetros.

O Taurus tem mais de 480 quilômetros de alcance, o que daria à Ucrânia a possibilidade de usá-lo para atacar pontos profundos na Rússia. E Scholz não está disposto a correr esse

**“A rendição da Ucrânia não satisfaria a fome de poder da Rússia. Se o Ocidente não mostrar disposição, Putin deixará de ver motivo para não atacar a Otan”**

**Bruno Kahl**  
Chefe do serviço de inteligência da Alemanha

risco — nem o Parlamento alemão, que votou contra a transferência. Ainda que a decisão pareça de acordo com a opinião pública, Scholz evita o assunto.

Mas os alemães também se preocupam com a relutância de Scholz em atacar Putin. Pesquisas mostram que os alemães querem ver seu Exército mais capaz. Mas apenas 38% querem o país mais envolvido em crises internacionais, o índice mais baixo desde que a pergunta começou a ser feita, em 2017. Nesse grupo, 76% afirmaram que o envolvimento deveria ser primeiramente diplomático, e 71% se posicionaram contra o papel de liderança militar da Alemanha na Europa.

Autoridades militares alemãs provocaram indignação recentemente ao sugerir que o país deve construir a capacidade de travar e vencer uma guerra. “Scholz sempre afirmou que a Ucrânia não deve perder, mas a Rússia não pode vencer, indicando que um impasse ocasionaria um processo diplomático”, afirmou Norbert Röttgen, especialista em política externa.

Röttgen e outros críticos de Scholz pensam que ele está perdendo uma oportunidade histórica de liderar a criação de uma capacidade europeia de defesa menos dependente dos EUA. Mas Scholz claramente se sente mais confortável dependendo de Washington, e graduadas autoridades

alemãs afirmam que ele desconfia do presidente francês, Emmanuel Macron, que defende a “autonomia estratégica” europeia.

Mesmo a principal iniciativa de Scholz, um sistema de defesa antimísseis conhecido como Sky Shield, depende dos americanos. Isso enfureceu franceses, italianos, espanhóis e poloneses, que não aderiram, defendendo que um sistema europeu deveria ser usado.

As ambições de Scholz também são contidas pela economia cada vez mais fraca — que encolheu 0,3% em 2023. Os custos da guerra na Ucrânia e a crise econômica da China exacerbaram o problema. “Ainda que ele reconheça que o mundo mudou, não significa que devamos também mudar junto”, afirmou o analista Ulrich Speck. “Ele está dizendo que o mundo mudou, e nós vamos protegê-los.”

Mas fazer isso requer mais gastos militares em níveis acima de 3% do PIB alemão. Por enquanto, poucos no partido de Scholz ousam sugerir ir tão longe. “Os alemães perceberam que vivem no mundo real, que poder coercitivo é importante”, afirmou Charles Kupchan, da Universidade Georgetown. “Ao mesmo tempo, ainda há esperança de que tudo não passe de um pesadelo e os alemães voltem a despertar no passado”. ● NYT, TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO

EVELYN HOCKSTEIN/REUTERS